

Editorial

Cultura, teoria e clínica

Nesse primeiro número do ano de 2024 da *Trivium: estudos interdisciplinares*, publicamos nove artigos em torno de questões pertinentes à relação da Psicanálise com a Cultura e outros campos do saber, bem como à clínica e à teoria psicanalítica.

Abrindo a série de trabalhos inseridos no diálogo Psicanálise com Cultura e disciplinas afins, Pedro Eccher, Mériti de Souza e Gustavo Angeli, em “Gênero, um conceito possível às teorias e práticas psicanalíticas” abordam a questão do gênero e da sexualidade visando demonstrar a relevância desses temas à reflexão sobre a constituição subjetiva. Josef Chasilew; Ana Paula Galdino de Farias em “Freud, um judeu: sobre a não coincidência de si consigo mesmo”, questionam o atual enquadramento de Sigmund Freud no espectro da branquitude como um dos motivos de haver resistência à psicanálise e de, possivelmente, escamotear e/ou negligenciar a presença do antissemitismo estrutural. As autoras de “Laços de família: entre hierarquia e democracia”, Fernanda de Souza Borges e Tania Coelho, problematizam a partir da teoria psicanalítica e do diálogo com outras disciplinas um novo tipo de ideal de família, a “família igualitária”, ideal que nos dias de hoje provoca um estado de tensão entre a tendência progressista que avança cada vez mais e a resistência conservadora que parece crescer igualmente muito mais do que permanece, radicaliza-se. “Razão e mal-estar em Freud: para uma concepção de sujeito a partir da Psicanálise” de Inacio Antonio Mariz traz uma reflexão contundente sobre a pertinência dos conceitos psicanalíticos para pensar uma nova ordem de reconhecimento do sujeito que considere a importância de experiências produtivas. Patrícia S. Zanatta e Zoraia A. Bittencourt em “Fazendo cócegas nas Ciências Humanas”, a partir de um estudo bibliográfico interdisciplinar avaliam a importância das Ciências ditas humanas para a humanidade estabelecendo três relações metafóricas com a sensação de cócegas – o sentir, o desdém, e a dualidade –, que tratam de “fazerem cócegas” nas ciências e nos cientistas. Janaína Bechler em “Deriva Parada: uma experiência de perder-se n(a) cidade” dá a conhecer sua experiência de mobilizar a memória involuntária, levando em conta as associações livres e em fluxo narrativo, apostando nas categorias do qualquer, do impessoal e do neutro como modo de relações possíveis entre o singular e o coletivo, borda que, em suas palavras, tensiona concepções de espaço, território, cidade, subjetividade e, principalmente, de experiência urbana. Em “O abismo da palavra: o fracasso e o desamparo na (com)pulsão da escrita” Juliana R. Bento e Simone M. Zanon, seguindo a prescrição freudiana aos psicanalistas de privilegiar o diálogo com bens culturais – a literatura e as artes plásticas – na validação da teoria, expõem na escritura de Clarice Lispector a condição da escrita – o desamparo.

No eixo clínico, o artigo “Da identificação com a mãe morta ao desinvestimento objetal: um caso clínico” de Jordana Beatriz M. Carneiro, Bruno C. Campos Cardoso e Deise Matos do Amparo, a partir do conceito de narcisismo de morte de André Green, investiga os processos de identificações primárias e a função desobjetalizante presentes no “complexo da mãe morta”. Por fim, encerrando a sessão de artigos, Padre y miseria psicológica de la masa. Goce y Shoá (também publicado em português nessa edição) de Marta G. Ambertín, traz uma interessante discussão teórica sobre a instância do Supereu,

quando sob condições de prostração das subjetividades e das massas diante do líder (mestre atroz).

Nesse número encontram-se publicadas duas resenhas. Na primeira, Thaís Siqueira sintetiza com precisão o aprofundamento dos debates desenvolvidos por Flavio Ferraz em seu novo livro *Tempo e ato na perversão – Ensaios psicanalíticos I*, terceira edição. Paulo Ritter resume o livro de Sonia Leite, *Ensaio sobre psicanálise e instituições*, chamando atenção para o valor dessa obra em tempos de pasteurização da Psicanálise.

Encerrando a presente edição, o comentário crítico “Da terra seca à cerâmica popular: barro que brota vida no Vale do Jequitinhonha” de Luiza Nascimento, desvela a matéria prima da produção cultural do Vale de Jequitinhonha – bonecas e artefatos de barro –, peças que celebram a tradição, a ancestralidade e a singularidade do povo artesão dessa região.

Betty B. Fuks
Editora responsável